



O Plantão de Bobagens

informa em Edição Extraordinária!

No ar:

O Plantão de Bobagens

(Sempre sob o patrocínio da inconseqüência e da absoluta falta do que dizer)

Hoje apresentando:

ARAPUCA DE NFOFÓ

(Bobagem número 3)

Minha bisavó – ou teria sido minha avó? - era praticamente uma criança quando veio para o Brasil. Era uma negrinha magricela, mas, tão magricela que, quando os brancos chegaram, tremia tanto de medo que não conseguiu nem correr.

Ela dizia que eles chegavam de mansinho, como quem não quer nada, como que cercando uma caça mansa qualquer e ficavam acenando lenços encarnados, escondidos no meio do capinzal. Quando os **benguela** (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Umbundu>) mais curiosos (ô gente curiosa estes benguela! Chegavam a perder os dentes de tanto morder as coisas que não conheciam, só para sentir o gosto que elas tinham) iam ver do que se tratava... Pou! O laço caía, o benguela truplicava, esperneava, até que, amarrado com os outros numa fila, ia seguindo por uma trilha da selva, até chegar na praia, até chegar no navio que, depois da eternidade mais comprida deste mundo, chegava aqui no Brasil.

Esta história que conto pra vocês agora (como gostava de contar história a velhinha de quem eu tive o que puxar) é uma história que ela contou pro meu avô que contou pro meu pai que contou pra mim e que eu, repassador de histórias que sou, conto pra todo mundo que quiser ler o que escrevo aqui.

Até hoje isto era um pouco segredo de família, mas, isso era uma vez. Segredo de três o diabo fez.

A incrível história da arapuca de Nfofó.

Vocês conhecem o Nfofó? Não? Pois o Nfofó (*numidasimilus meleagris*) era uma espécie de galináceo vistoso, primo-irmão da **galinha d'angola** (*numida meleagris*) - vocês conhecem a galinha d'angola? - pois o nfofó era um pouco maior, com a penugem mais escura, com umas pintas amarronzadas como ferrugem ou pinta de leopardo. Uma belezura de bicho, se poderia dizer. Dizem que era uma ave arisca a mais não poder, cismada. Quando assustada tentava, mas, não voava mais que meio metro, coitada. Não se acostumava viver perto de gente de jeito nenhum e por esta razão era considerado um bicho chucro, selvagem (não que fosse bicho brabo não, muito pelo contrário). O certo é que os Nfofós viviam em bandos, escondidos no meio do mato.

Um detalhe importantíssimo, interessante mesmo para os meus parentes benguelas (cuja consciência ecológica embora vasta, não chegava ao ponto de se descuidar da própria sobrevivência, sua prioridade absoluta) era, sem dúvida nenhuma, a saborosa carne do Nfofó. Foi por esta prosaica razão, entre outras, que os Nfofós foram rareando, rareando, até se tornarem apenas uma deliciosa lembrança gustativa nos sonhos senis de minha bisavó.

Mas, a culpa da extinção dos Nfofós não foi de forma alguma - é preciso ressaltar - só dos benguela ou de qualquer outro ser humano que um dia teve o glorioso prazer de comer aquela iguaria.

Foi o que minha bisavó defendeu até morrer.

Os ovos do Nfofó não eram bons de se comer. Faziam mal á saúde, por assim dizer. Eram gostosíssimos sim, mas, dizia uma antiga lenda benguela que, quem comesse um ovo que fosse daí em diante não conseguiria mais fazer sexo com ninguém. Por mais que sonhasse ou quisesse. O cronista austríaco **Kurt Böhler Hoffenbauer** que visitou o território benguela em fevereiro de 1883, a serviço do Kaiser Franz Josef, nos conta, cabalmente, que o cheiro dos ovos do Nfofó era muito forte, insuportável mesmo, porém, na mesma medida, irresistível aos homens, provocando neles uma estranha sensação afrodisíaca.

A lenda dizia no, entanto, que este odor característico ficava impregnado no corpo de quem comesse os ovos por dias e dias, á fio, semanas talvez. Depois de dissipado do corpo, o cheiro maldito continuava, para sempre na mente das parceiras de quem comeu os ovos, impossibilitando qualquer contato íntimo para o resto da vida. Era, obviamente, um castigo atroz para os benguela, fornicadores contumazes e notórios que eram (ou ainda são até hoje, quem sabe).

Hoffenbauer observou nas notas de seu relato que:

“... Der kraft schmerz die männer hunger anreizend, über unwiderstehlich form, aber die gegessen später, in der schweiß unbeweglich eine grosse abneigung in der frauen mache...” na tradução livre: *“O forte odor dos ovos estimulava, de forma irresistível, a gula dos machos humanos mas, após a sua ingestão, impregnado no suor de que os comeu, provocava uma aversão maior ainda nas fêmeas...”* (in *‘Das Angolanisches ganze leben’, Hoffenbauer, K.B. GanzeWelt Verlag - Köln, Deutschland 1883*)

Aquele talvez fosse um inteligente e caprichoso artifício da natureza para a preservação dos Nfofós: Salvavam-se os ovos ou o hábito de comê-los extinguiria de vez com raça dos benguela. No entanto, do jeito que os humanos gostam de tudo que é proibido (como se sabe, em nós a inteligência e estupidez são atributos gêmeos) a solução da natureza era um frágil artifício.

É o que veremos á seguir.

Minha bisavó dizia que, embora os mais jovens fugissem dos ovos de Nfófó com sabedoria digna dos mais velhos (a quem eles deixavam o castigo de comê-los) muitos benguela se lixavam para a lenda. Com o tempo então, a maldição dos ovos teve que ser repassada também para a carne do Nfófó, ou seja, para o Nfófó como um todo. Hoffenbauer chega a reproduzir em seu livro, uma gravura benguela da época, retratando o Nfófó como uma espécie de entidade maligna e assustadora. Nada disso, contudo, adiantaria por que, entre todos os nossos tolos instintos, o da sobrevivência sempre foi o mais estúpido: mesmo sabendo que podemos morrer disso, se é só isto que temos para comer, na ânsia de sobreviver, é exatamente isto que comeremos e é, fatalmente, disto que morreremos.

Ficava o dito pela lenda como não dito então.

O fato é que se comia muito fartamente Nfófós naquele tempo. Para comê-los, tínhamos que caçá-los, saber seus hábitos e suas manias, para então poder inventar uma armadilha para apanhar o bicho. Daí a arapuca do Nfófó cuja minuciosa descrição cuido de relatar a seguir.

O nome Nfófó, como vocês já devem ter intuído, é onomatopéico, ou seja, vinha do som que ele emitia quando estava com medo, assustado. Como ele era, apesar de arisco, um bicho danado de curioso, levava muitos sustos em sua curta vida.

Esta curiosidade atávica, hábito mais característico do Nfófó, foi como também se pode intuir, a sua ruína.

Com know how desenvolvido pelos benguela em muitos anos - séculos talvez - a arapuca de Nfófó (*'nfobulobulo'* em idioma benguela), tinha no tempo de minha bisavó a forma de uma caixa triangular de gravetos habilmente atados com um cipó especial, chamado por eles de *'lukululu'* (*'ngnosis selvaticus'*). Havia na caixa uma portinhola á guiza de guilhotina, firmemente tencionadas por uma vara longa, que os benguela chamavam pelo curioso nome de *'kalapulo'* (de provável procedência lusitana).

Nestes aspectos até que a arapuca de Nfófó era uma armadilha bem comum. O que a tornava única, era o fato de ser profusamente enfeitada com penas de pássaros locais, de variadas cores, além de muitos chocalhos, feitos com pequeninas cabaças contendo sementes, muito leves, que faziam ruído a qualquer brisa ou vento que soprasse.

Diante de um chamariz e de uma armadilha, ao mesmo tempo, era curiosidade então que pegava o Nfófó pelo pé.

Um dos dados mais curiosos da tática de caça ao Nfófó era que, ao invés de esconder o *nfobulobulo* como deveria fazer com qualquer arapuca, a prática mais comum era deixá-lo bem visível, próximo á vegetação cerrada onde os bandos de nfófós se escondiam. Um deles sempre percebia a arapuca e tomado de insuportável atração, corria para ela aos berros:

— "Nfófó! Nfófó! Nfófó!"

Todo o bando, mesmo escondido, entrava a em polvorosa gritando num especial alarido, chamando a atenção do caçador que, podia estar a alguns metros dali, tranquilamente dedicado a outros afazeres. A cena que se seguia, até há pouco tempo, enchia de água a boca de minha querida bisavózinha:

O nfófó precursor, aquele que primeiro viu a arapuca, olhava por alguns instantes para ela, extasiado de pavor. Espevitado, abria o bico em desespero, repetindo:

— "Nfófó! Nfófó! Nfófó! Te digo! Te digo! Te digo!"

(Este 'te digo' era outra sutil diferença entre os sons onomatopéicos do *nfófó* e da *galinha d'angola* que, como se sabe fala *'Tô fraco' Tô fraco! Tô fraco!'*)

Logo em seguida, o Nfófó precursor corria para o bando e voltava correndo para a arapuca, acompanhado agora por mais um curioso. O caçador, neste exato momento, punha a arapuca para funcionar e pronto, o primeiro nfófó ficava ali, estrangulado, enquanto o histérico sobrevivente corria para o bando, no mesmo ritual:

— *"Nfófó! Nfófó! Nfófó! Te digo! Te digo! Te digo!"*

Pegava-se assim, um a um, todo o bando de pobres nfofós.

Hoje em dia - é claro - não existem mais nfofós em Angola. Minha bisavó dizia também (mas isto eu não consegui provar ainda) que vem do nome *nfófó* a palavra brasileira *fofoca* que, neste caso, seria mais uma interessante contribuição das línguas africanas ao português falado no Brasil.

Pelo menos no que diz respeito ao jeito da arapuca pegar o nfófó (no caso dos fofoqueiros em si, dos 'disse-me-disses', dos 'língua-de-trapos', dos 'leva-e traz' e dos incontáveis 'um-sete-uns' e trambiqueiros deste nosso Brasil, bem que a minha bisavó podia ter razão.

Spírito Santo

Rio, 24 de julho de 1993 (com ligeiros retoques em 2007)

Caro favor leitor, selecione, dê um zoom e/ou amplie, por favor, as notas abaixo que são do seu absoluto interesse para a compreensão total deste texto:

1- Na verdade, o autor não tem a menor idéia se sua bisavó foi mesmo da nação ovimbundo (que ocupa até hoje a região angolana denominada Benguela).

2- O simpático e, convenhamos, fôfo bichinho da história, ao qual o autor denominou de 'Nfófó', até prova em contrário não só, rigorosamente, não existe como jamais existiu, sendo toda a descrição de seus hábitos bem como as complexas estratégias para a sua caça, nada mais do que deslavadas mentiras.

3- Do mesmo modo, são inteira e descaradamente falsas todas as referências ao livro de Kurt Böhler Hoffenbauer porque o referido antropólogo, sendo um personagem de ficção, jamais existiu e não poderia portanto ter viajado à Angola ou ter escrito qualquer crônica ou livro sobre o assunto. A existência de um link em idioma theco, referente ao suposto perfil de um indivíduo chamado Hoffenbauer não passou de uma feliz coincidência para as marotas intenções do autor.

4- Portanto, ai, galera...foi mal, heim! Como perdão contei, é claro, com a inegável bondade da minha intenção de divertir vocês, verdadeiros Nfófós de nossa arapuca.